

Stephan Treuke*

A INTERFERÊNCIA DO EFEITO-TERRITÓRIO NA MOBILIDADE ECONÔMICA DE MORADORES DE TRÊS BAIRROS SEGREGADOS DE SALVADOR DA BAHIA (BRASIL). UMA ANÁLISE A PARTIR DAS REDES INTERPESSOAIS

EL IMPACTO DEL *EFECTO VECINDARIO* EN LA MOBILIDAD ECONÓMICA DE HABITANTES DE TRES COMUNIDADES SEGREGADAS EN SALVADOR DA BAHIA (BRASIL). UN ANÁLISIS A PARTIR DE LOS LAZOS INTERPERSONALES

ANALYZING THE *NEIGHBORHOOD EFFECTS* ON THE ECONOMIC MOBILITY OF THE INHABITANTS OF THREE SEGREGATED COMMUNITIES IN SALVADOR DA BAHIA (BRAZIL) FROM A SOCIAL NETWORK PERSPECTIVE

RESUMEN

Se analiza el *efecto vecindario* en la movilidad económica de habitantes de tres barrios segregados de Salvador a partir de los lazos interpersonales. La proximidad de Nordeste de Amaralina a una vecindad rica promueve la integración económica, al mantener la segmentación social. En Fazenda Grande II, la heterogeneidad social y el efecto socializador de la escuela mitigan el aislamiento. La localización periférica de Plataforma produce la naturalización de las distancias sociales.

Palabras clave: segregación, efecto vecindario, movilidad económica, lazos interpersonales, Brasil.

ABSTRACT

Analyzing interpersonal networks from a *neighborhood effects* perspective, the study shows that the proximity of Nordeste de Amaralina to middle-upper-class condominiums provides

economical integration whereas maintaining social segmentation. The isolation of socially homogeneous Plataforma leads to the naturalization of social distance patterns whereas in socially heterogeneous Fazenda Grande II, the socialising effects of school mitigate the negative repercussions of isolation.

Keywords: Segregation, neighborhood effects, economic mobility, social networks, Brazil.

RESUMO

Analisando o *efeito-território* na mobilidade econômica de moradores de três bairros segregados de Salvador a partir das redes interpessoais, constata-se que proximidade do Nordeste de Amaralina aos bairros da classe média-alta favorece a integração econômica ao manter a segmentação social. Enquanto em Fazenda Grande II a heterogeneidade social e o efeito socializador da escola mitigam o isolamento, a localização periférica de Plataforma produz a naturalização das distâncias sociais.

* Matriculado no curso de doutorado do Programa de pós-graduação em Ciências Sociais (PPGCS) na Universidade Federal da Bahia (Brasil). Possui Mestrado em Geografia e Filologia Românica pela Universidade Justus-Liebig Universität Gießen (Alemanha).

Palavras-chave: segregação, efeito-território, mobilidade econômica, redes interpessoais, Brasil.

INTRODUÇÃO

Estudos inseridos na interseção entre a abordagem estruturalista do espaço e a análise dos padrões interacionais entre indivíduos ou grupos sociais nas grandes cidades remontam às reflexões de Georg Simmel (1987), postulando que as redes de sociabilidade em contextos urbanos se alicerçam em uma grande quantidade de vínculos secundários, heterogêneos em conteúdo, fracos em intensidade e não necessariamente organizados territorialmente.

Já para Robert E. Park (1987), partindo de uma visão ecológica-funcionalista da segregação¹ que agrega em “áreas naturais” determinados grupos sociais conforme critérios raciais, étnicos e culturais, os laços de vizinhança tendem a abstrair do seu caráter íntimo e permanente na *urbe*, mas não perdem sua importância analítica e seu potencial de conflito.

Massey e Denton (1993) e Small e Newman (2001) assinalam pelas desvantagens estruturais que decorrem do isolamento socioespacial de específicas localidades, chamando a atenção pela estreiteza das redes de sociabilidade, fundamentadas em “laços fortes” (Granovetter, 1973) e tecidas entre indivíduos pobres inseridos em contextos de vizinhança de composição social homogênea. Estes se articulam em relações redundantes que reforçam a coesão intragrupal em vez de estimular a conexão com redes externas menos densas, porém com maior grau de heterofilia e com potencial de proporcionar informações e contatos valiosos para alavancar a mobilidade econômica do

indivíduo (Briggs, 2001).

Destaca-se neste contexto a obra de William J. Wilson *The truly disadvantaged: The Inner City, the Underclass, and Public Policy* (1987), apontando pela superposição de “externalidades negativas”² provocadas por determinadas configurações sociais de populações da classe baixa, habitando os bairros fisicamente degradados do centro (*inner city*) de Chicago, que prejudicam sua mobilidade social e econômica. O autor conclui sustentando que um maior patamar de homogeneidade social interfere desfavoravelmente na extensão e diversidade dos contatos de um indivíduo pobre em relação à classe média residindo nos subúrbios.

No contexto latinoamericano, Kaztman e Filgueira (2006) confirmam que a concentração involuntária de pobres em áreas segregadas de Montevideu (Uruguai) acentua os mecanismos de reprodução da pobreza, em ausência de referências externas. Destarte, os *efectos vecindario* interferem no acesso a “estruturas de oportunidades”,³ à medida que limitam os horizontes e perspectivas dos seus moradores às experiências locais permeadas por muitas privações e norteadas em padrões comportamentais pouco exitosos.

Todavia, estudos realizados pelo Centro dos Estudos da Metrópole (São Paulo, Brasil) têm comprovado que a contiguidade geográfica entre favelas e bairros da classe média-alta nas grandes cidades brasileiras incide positivamente na articulação entre grupos socialmente distantes em termos de integração econômica (Almeida & D’Andrea, 2004; Andrade & Silveira, 2013).

Neste trabalho, o impacto do *efeito-território* na mobilidade econômica se examina desde uma perspectiva comparativa, tendo como seu recorte empírico, por um

1. Diante da pluralidade de leituras do conceito de segregação cabe restringir seu uso epistemológico neste trabalho ao que Castells (1983) define como “a tendência à organização do espaço em zonas de forte homogeneidade social interna e com intensa disparidade social entre elas, sendo esta disparidade compreendida não só em termos de diferença, como também de hierarquia” (p. 210). No quadro deste trabalho o conceito é compreendido como reflexo de estruturas de dominação de classes espelhando as estratificações socioeconômicas, que engendram diferentes padrões de concentração involuntária de populações em determinados espaços (Marcuse, 2004).

2. O termo “externalidades negativas” remete à exposição de moradores de localidades marcadas por altas taxas de pobreza a uma acumulação de riscos (insalubridade e precariedade da moradia, degradação ambiental, violência, rispida abordagem pela polícia, entre outros) e fatores negativos (isolamento físico/institucional/político, desemprego estrutural, baixo desempenho escolar, delinquência juvenil, discriminação do local, entre outros) relacionadas ao lugar de residência que favorecem a perpetuação da situação precária.

3. O termo “estruturas de oportunidades” neste contexto “alude ao fato de que os canais para o bem-estar estão estreitamente vinculados entre si, de modo que o acesso a determinados bens, serviços ou atividades provê recursos que por sua vez facilitam o acesso a outras oportunidades” (Kaztman y Filgueira, 1999, p. 9).

lado, a invasão centralizada Nordeste de Amaralina, circunscrita por condomínios da classe média/alta e, por outro lado, as localidades periféricas de Plataforma –invasão inserida no meio de bairros homogeneamente pobres do Subúrbio Ferroviário– e de Fazenda Grande II (“Miolo Urbano”), bairro popular abrigando uma população socioeconomicamente mais heterogênea.

A primeira seção introduz o conceito do *efeito-território* a luz das principais reflexões teórico-epistemológicas de Briggs (2001), Granovetter (1973) e Wilson (1987). A segunda seção sintetiza os principais mecanismos de segregação operando no quadro da organização socioespacial de Salvador enquanto a terceira seção explora o *efeito-território* a base de entrevistas semi-estruturadas que investigam sobre a instrumentalização das redes interpessoais para alavancar a mobilidade econômica.

— O CONCEITO EFEITO-TERRITÓRIO

Nos Estados Unidos, multiplicaram-se, desde a década de 1980, as abordagens empíricas buscando evidenciar as intercausalidades entre a assimilação, internalização e reprodução de papéis sociais da *urban underclass*⁴ e determinadas configurações sociais da sua vizinhança.

Os pesquisadores comungam em destacar a incidência da composição sócio-racial e econômica de populações pobres inseridas em contextos residenciais fortemente degradados em diversas esferas de vida: acesso ao mercado laboral, desempenho escolar, delinquência (juvenil), consumo de drogas, gravidez precoce, comportamentos desviantes, etc. (Brooks-Gunn & Duncan, 1997; Ellen & Turner, 1997; Massey & Denton, 1993; Sampson, 1997).

Analisando as repercussões do isolamento socio-espacial em crianças e adolescentes em processo de socialização primária e secundária, cuja margem de atuação esta

geograficamente mais restrita ao próprio bairro, ganham relevância estudos indagando sobre os *neighborhood effects*, entendidos como as vantagens e desvantagens socioeconômicas acometidas na vida de pessoas pobres em função da sua inserção em determinados contextos de vizinhança (Sampson, 1997).

Para Wilson (1987), o declínio da indústria fordista localizada na *inner city* ou nas suas adjacências imediatas, assim como a generalizada diminuição da demanda de trabalhadores não-qualificados, teriam ocasionado o “êxodo” dos habitantes com mobilidade econômica ascendente e maior qualificação profissional (*black middle class flight*) destes bairros, levando a patamares críticos o nível de concentração de populações pobres e desempregadas.

Consoante Wilson (1987), a segregação interfere negativamente na extensão e diversidade dos vínculos sociais. Assevera que ser pobre em um bairro socioeconomicamente heterogêneo se evidencia como menos desfavorável do que habitar locais pobres marcados por um alto grau de homogeneidade social já que estes fatores bloqueiam a mobilização do capital social, totalizando os recursos sociais circulando em redes de relações entre indivíduos ou grupos, para a obtenção de um emprego no mercado laboral formal.

O *network isolation model*, conceituado por Wilson (1987) se fundamenta nas premissas da sociologia econômica que considera como crucial a operacionalização do capital social através das relações interpessoais para integrar os indivíduos socialmente isolados em redes mais amplas suscetíveis de propiciar “ativos” para alavancar a mobilidade econômica (Bourdieu, 1986; Burt, 1992; Coleman, 1988; Lin, 1999; Putnam 2000).

Com respeito à instrumentalização das redes interpessoais visando a inserção econômica, é oportuno recuperar a metodologia elaborada por Granovetter (1973) que distingue entre “laços fracos” (*weak ties*), remetendo para redes de sociabilidade diversificadas (contatos menos íntimos e menos frequentes) viabilizando acesso a um maior espectro de informações, e “laços fortes” (*strong ties*), comportando

4. O termo polêmico *urban underclass*, dentro da perspectiva culturalista defendida por Oscar Lewis que culpabilizava os pobres por sua própria pobreza, remete globalmente para populações da classe baixa, maioritariamente afroamericanos, que se concentram nos bairros fisicamente degradados da *inner city* nas grandes cidades americanas.

redes mais redundantes (contatos frequentes assentados em vínculos de parentesco e de amigos íntimos) que restringem o acesso a informações externas.

Wilson (1987) e Massey e Denton (1993) convergem em hipotetizar que tanto o acesso a estruturas de oportunidades quanto as expectativas de indivíduos acerca do seu potencial de mobilidade econômica correlatam com as configurações grupais das pessoas habitando o mesmo local, considerando-se a composição social homogênea de pessoas e grupos congêneres e a subsequente maior exposição a valores e horizontes subjetivos compartilhados como determinantes produtoras da *baseline homophily* (Massey & Denton, 1993).

A ausência de interação com indivíduos e grupos externos confere à morfologia das redes sociais um maior grau de localismo em virtude da superproporcional presença de padrões isotópicos e modelos de referência coletivos se recrutando de valores, expectativas e comportamentos de moradores da mesma área.

Nesta linha de racócinio, Briggs (2001) distingue entre, por um lado, um tecido denso alicerçado em vínculos entre iguais providenciando coesão social, solidariedade intra-grupal e estabilização da situação cotidiana (*get by*) através de redes altamente redundantes (*bonding ties*) e, por outro lado, vínculos com capacidade de figurar como pontes entre grupos para a ascensão socioeconômica (*get ahead*), acusando maior grau de heterofilia e operando uma inclusão em comunidades mais amplas (*bridging ties*).

No Brasil, Marques (2007) investiga sobre as implicações causais entre a segregação e a variabilidade de redes de sociabilidade ao contrastar diferentes locais pobres da Região Metropolitana de São Paulo. O autor ressalta o generalizado alto grau de localismo caracterizando as relações interpessoais de seus moradores e seu caráter primário e redundante: os vínculos se constroem entre indivíduos vivendo em situações sociais muito semelhantes e aglutinam um grande número de parentes e vizinhos, prejudicando processos de mobilidade econômica. Ainda enfatiza que, dentro das redes interpessoais, inexistem laços entre indivíduos transcendendo a própria classe de renda, fato que o

autor atribui à rigidez da estratificação social brasileira e aos mecanismos da segmentação social.

Não obstante, conforme Kaztman e Retamoso (2005), as relações sociais ainda estão marcadas pelo auxílio mútuo entre grupos distantes em bairros pobres de Montevideú, corroborando com os achados de Bidou-Zachariassen (1996) que identifica nos *effets territoire* estudados em contextos de vizinhança entre famílias pobres e grupos da classe média em Lyon (França) uma série de suportes (não-)materiais circulando por meio de instâncias de socialização compartilhadas (como a escola, associações e áreas de lazer, redes filantrópicas etc.).

Segundo Almeida e D'Andrea (2004) e Andrade e Silveira (2013), a proximidade ao bairro rico de Morumbi (São Paulo), respectivamente aos condomínios fechados do bairro Serra (Belo Horizonte), propicia maiores oportunidades empregatícias para os moradores da favela Paraisópolis, respectivamente da favela Aglomerado da Serra, em relação aos bairros periféricos inseridos em contextos de vizinhança homogeneamente pobres. Todavia, ressaltam que persistem as distâncias sociais nas demais esferas que se manifestam nas estruturas segmentadas do diferenciado acesso ao transporte público, ao sistema educacional, aos espaços de lazer e ao enquadramento institucional-político.

A dialética entre integração empregatícia e evitação social também permeia as relações entre populações socioeconomicamente distantes mas geograficamente aproximadas, segundo os resultados de Ribeiro (2008), que traz a baila reflexões sobre as tensões sociais originadas pela dominação simbólica dos moradores do Leblon, como recurso para “proteger seus capitais reificados no território de possíveis ameaças de desvalorização decorrentes da proximidade espacial com outros grupos” (p. 18), *vis-à-vis* os vizinhos do territorialmente estigmatizado conjunto habitacional da Cruzada de São Sebastião. Advogando por uma leitura bourdieusiana dos *effets de lieu* (Bourdieu, 1989), o autor enfatiza que os efeitos da naturalização do espaço geográfico, entendido como relações sociais reificadas, engendram sistemas de referências mentais que hierarquizam socialmente os espaços físicos, contribuindo à interiorização de determinados valores.

PROCESSOS DE SEGREGAÇÃO EM SALVADOR

Em primeiro lugar, a assimétrica distribuição socioespacial de Salvador deve ser enxergada através dos processos de industrialização, impulsionada pela instalação da Petrobras no Recôncavo (1954). Esta atraiu um desproporcionado fluxo de populações preponderantemente pobres do seu *hinterland* que vieram ocupar as regiões periféricas da cidade, com precárias condições de habitação e infraestrutura. Com o fim do padrão desenvolvimentista e o deslocamento dos incentivos estatais para o Sudeste, instalaram-se mecanismos de reestruturação produtiva que se traduziram em processos de terceirização e flexibilização das relações de emprego, engrossando o já expressivo contingente da classe do subproletariado.

Em segundo lugar, a hierarquização do espaço urbano resulta da atuação hegemônica do mercado imobiliário em aliança com políticas urbanas, produzindo uma engrenagem segregadora obediente à lógica mercantilista de valorização fundiária por meio de dispositivos de planejamento urbano, de provisão de infraestrutura, e de programas de habitação. Corroborando com as teses de Castells (1983) e Harvey (2005), a produção habitacional pelo mercado imobiliário redundou em uma oferta socioeconomicamente estratificada e socioespacialmente fragmentada.

Partindo de tipologias sócio-profissionais,⁵ Carvalho e Pereira (2014) detectam a escala macro-urbana tendências de dualização entre o que pode ser considerada como a “cidade formal” (“Orla Atlântica Norte”) dominada por áreas altamente valorizadas do segmento (médio)superior, dotadas de ampla infraestrutura e de oportunidades empregatícias e, por outro lado, a “cidade informal” (Subúrbio Ferroviário

e “Miolo Urbano”) constituída por invasões sucessivas, loteamentos populares e conjuntos habitacionais ocupados pelo segmento popular(inferior) e acumulando uma série de externalidades negativas (deficiências infraestruturais, escassez de emprego e de equipamentos urbanos, altas taxas de violência etc.).

Paralelamente à organização macro-urbana da cidade, observa-se a escala micro-urbana uma maior fragmentação do tecido urbano. Assim, a contiguidade entre condomínios do segmento médio-superior e resistências de invasões que foram se consolidando em bairros populares com alta densidade demográfica diverge do padrão da apropriação espacial relativamente homogênea pelas camadas abastecidas dos bairros da “Orla Atlântica Norte”.

O IMPACTO DO EFEITO-TERRITÓRIO NOS TRÊS CONTEXTOS DE SEGREGAÇÃO

Foram realizadas, no período de maio 2015 a junho 2015, entrevistas semi-estruturadas de meia hora de duração com quinze pessoas por cada bairro em distintos locais (na rua, em bares, na casa) e horários (durante a semana e no fim de semana) abrangendo um número equânime de informantes do sexo masculino e feminino, com idade de entre 15 e 65 anos. A elaboração de um roteiro de questões permitiu a indagação sobre a variabilidade dos padrões de sociabilidade dos indivíduos e sobre a morfologia das redes interpessoais, comportando as esferas: família, vizinhança, amizade, vida associativa, diversão/lazer, estudos e trabalho. Complementarmente, os entrevistados foram solicitados a se pronunciar sobre a sua percepção do próprio bairro em relação ao conjunto da cidade e sobre suas possibilidades de mobilidade econômica em consideração das configurações socioeconômicas do local de residência e da vizinhança.

O Nordeste de Amaralina

A localização do Nordeste de Amaralina e seu grau de articulação com as “centralidades” de Salvador

5. A tipologia construída pelo Observatório das Metrópoles cruza as estruturas ocupacionais da população economicamente ativa da Região Metropolitana de Salvador com outras variáveis (renda, escolaridade, situação na ocupação, setor de atividade econômica e setor institucional), classificadas em categorias profissionais (CAT). A sua distribuição no espaço usa como recorte territorial áreas definidas por uma agregação de setores censitários (áreas de ponderação) utilizados nos censos 2000 e 2010 pelo IBGE e distingue entre os tipos médio-superior, médio, popular, popular-inferior e popular-agrícola (Carvalho & Pereira, 2014).

(Comércio e eixo Iguatemi/Tancredo Neves) remetem para o padrão de segregação fractal, dada sua ancoragem topológica como enclave pobre dentro da tessitura da “Orla Atlântica Norte”. Pertencendo à Região Administrativa VII (Rio Vermelho) seu terreno acidentado formado por vales e morros tem sido alvo de sucessivas invasões desde a década 1960, provocando seu rápido crescimento demográfico (25.466 habitantes segundo o IBGE 2000). A ocupação habitacional informal do seu espaço, baseada no trinômio loteamento periférico/casa própria/auto-construção, desde sua origem se justificou pela estratégica proximidade às oportunidades empregatícias de baixa qualificação, geradas pela demanda dos moradores abastecidos dos bairros Pituba, Itaipara, Amaralina e Rio Vermelho.

Conforme os mapeamento esboçados por Carvalho e Pereira (2014) predomina a categoria popular (inferior) no perfil socioeconômico da sua população. O quadro da precariedade deflagrada nas relações empregatícias, em conjunção com altas taxas de desemprego (61 %), vem sendo agravado por um generalizado clima de insegurança, imputado às disputas pelo controle do tráfico de drogas, levando a constantes constrangimentos e a uma estigmatização midiática dos seus moradores que dificulta sua inserção no mercado laboral formal.

Se por um lado podem ser confirmadas as asserções de Kaztman; Filgueira (2006), argumentando que a composição socioeconomicamente homogênea de populações pobres limita o potencial endógeno da ativação de redes de mobilidade econômica, posto que estas se assentam maioritariamente em vínculos primários (basicamente família, vizinhança e amigos íntimos) com alto grau de homofilia e coesão intra-grupal, por outro lado, a contiguidade com os bairros do segmento médio-superior é visualizado pelos entrevistados como momento potenciador das chances empregatícias em relação às localidades mais afastadas.

No conjunto das quinze pessoas entrevistadas, quatro desempenham diferentes serviços remunerados nos condomínios dos bairros vizinhos (Pituba e Itaipara), enquanto uma pessoa trabalha no eixo Iguatemi/

Tancredo Neves. Em um caso, a interação dos moradores com os habitantes dos condomínios no âmbito de vínculos empregatícios chegou a construir pontes de conexão a redes extra-grupais que extrapolam o contexto do trabalho.

Todavia, se for abstraído da integração econômica, que se esgota preponderantemente em formas de atividades classificadas como “subalternas” (porteiro, jardineiro, empregada doméstica etc.), treze de quinze entrevistados ressaltam que se mantêm as distâncias sociais em todas as demais esferas e escassam os contatos e trocas de sociabilidade com os inquilinos dos condomínios da classe média/alta. É oportuno salientar que os percursos diários dos moradores entrevistados de Nordeste de Amaralina não convergem em praticamente nenhum momento com as trajetórias dos habitantes dos condomínios, excetuando-se as relações de emprego.

Segundo os relatos, os mecanismos da segmentação social e o acesso “dualizado” à infraestrutura, ao transporte e aos serviços públicos produz certo confinamento na vida dos moradores dentro do seu bairro, fato que se traduz em um maior grau de homofilia das redes entre amigos e particularmente no ambiente do sistema educacional.

Outrossim, a diferenciada apropriação segundo classes dos espaços públicos de lazer que pudessem favorecer o contato e as trocas de sociabilidades entre os grupos sociais distantes –shoppings, praças, parques– testemunha dos baixos níveis de renda que restringe a participação da maioria dos moradores do Nordeste de Amaralina às opções locais do bairro (bares, praças e largos locais). A maior diversão “acessível” para os entrevistados proporciona a Praia de Amaralina, lugar desertado pela classe média-alta devido à alta frequência de assaltos.

O efeito de dissuasão dos muros, grades e cancelas dos condomínios em combinação com os constrangimentos vivenciados em episódios mais violentos envolvendo a polícia contribui ao fortalecimento de organizações comunitárias de cunho associativista, cultural e religioso, estabelecendo forte coesão interna (*bonding ties*) e desagregação externa.

Se bem merece destaque a grande variedade de associações culturais com forte tradição afrodescendente encontradas no Nordeste de Amaralina, que concorrem pela socialização e construção identitária dos seus moradores, é mister ressaltar que estas também tendem a privilegiar o revigoramento da solidariedade inter-grupal no intuito de atenuar circunstâncias de vulnerabilidade social no cotidiano dos seus integrantes sem no entanto, providenciar “pontes” para redes extra-grupais.

Plataforma

A localização de Plataforma –local inserido no meio de bairros pobres do Subúrbio Ferroviário (Região Administrativa XVI) com alto grau de homogeneidade social– aponta pelo padrão de segregação macrourbana, caracterizado pela distância física entre os bairros periféricos e as “centralidades” da cidade com respeito à oferta de emprego e de serviços urbanos. O local, limitado por um lado pela Baía de Todos os Santos e por outro lado pelo Parque São Bartolomeu, cresceu arredor do núcleo da antiga Vila Operária, cuja implementação foi motivada pela inauguração da via férrea Calçada-Paripe (1860) e da instalação da Fábrica Têxtil São Braz (1875), desativada em 1959.

A maioria dos cerca de 58 mil habitantes continua sofrendo da precariedade das condições de moradia, saúde, lazer e segurança, situação sombreada por altas taxas de desemprego (47.3 %) e pelo baixo rendimento da população. Com predominância do segmento popular-inferior, as oportunidades empregatícias do local se restringem ao pequeno comércio, à pesca artesanal, e ao trabalho doméstico o que obriga os dois entrevistados desempenhando atividades formais a longos deslocamentos pendulares em direção ao centro (2-3 horas por dia).

Concomitantemente, repercute-se negativamente na trajetória dos habitantes de Plataforma a fragilidade das oportunidades educacionais. A exposição a congêneres residindo nos bairros vizinhos no âmbito da escola pública é avaliada unanimemente como desfavorável à ascensão socioeconômica pelos três alunos adolescentes entrevistados, reclamando da

falta de perspectivas e da baixa qualidade do ensino. Subsequentemente, predominam altas taxas de abandono escolar e um baixo nível de instrução que bloqueia o acesso a atividades empregatícias mais qualificadas.

Analisando os padrões de sociabilidade dos moradores entrevistados, cabe ressaltar o alto grau de homofilia, localismo e redundância marcando suas redes interpessoais, assentadas nomeadamente em laços intraparentais. Na maioria das relações interpessoais com a vizinhança e amigos, prima o baixo grau de confiança, produzindo certa estreiteza das redes. Neste sentido, chama a atenção a expressiva reticência dos moradores de incluir pessoas desconhecidos nas redes existentes. Em praticamente todos os casos analisados, as redes se fundamentam em vínculos formados há muitos anos.

Os informantes explicam o encapsulamento e o recuo da vida social à esfera da família com a retração do Estado na provisão de bem-estar e de segurança no bairro e pela precariedade do mercado de trabalho, exigindo o auxílio mútuo entre os parentes. Neste contexto, salientam a resiliência de estruturas de pobreza no tempo que os expõem a constantes riscos e situações de vulnerabilidade. Como consequência, a maioria dos entrevistados acessam menos bens e serviços, tanto via mercado quanto por ajuda social.

Das quinze pessoas entrevistadas, apenas três pessoas se articulam com atividades ou instituições não ubicadas em Plataforma enquanto a maioria tem sua margem de atuação geograficamente restrita ao próprio bairro ou às suas adjacências. Outrossim, o acesso a opções de lazer, concentradas nas centralidades de Salvador (shopping centers, cinema, praias), permanece fora do alcance dos moradores entrevistados, já que as despesas para deslocamento e consumo extrapolam o orçamento. O isolamento socioespacial redonda na construção de padrões de sociabilidade isotópicos, assentadas em experiências e comportamentos locais, que tomam como referência indivíduos congêneres compartilhando a mesma situação de precariedade. Paradoxalmente, a *baseline homophily* (Massey & Denton, 1993) neste caso não fomenta estruturas

de solidariedade, o que denota um significativo enfraquecimento da confiança em laços secundários.

O maior suporte social emana das instituições de cunho associativista, cultural e religioso com forte presença no bairro. Estas concentram a grande parte das pessoas-chave, que providenciam acesso a recursos (não) materiais, contatos e a estruturas de oportunidades, maioritariamente oferecidas na própria localidade no setor informal. Nomeadamente, os numerosos templos neoprotestantes concorrem pelo estabelecimento de coesão interna, coletivismo e estabilidade (*bonding ties*) na vida dos moradores de Plataforma, remediando o vácuo deixado pelo *laissez-faire* do governo.

Indagados acerca da percepção do próprio bairro, treze dos quinze entrevistados coincidem em assinalar pela falta de perspectivas nas suas trajetórias de vida que eles explicam a luz da omissão do poder público que tanto produziu o fortalecimento de estruturas de criminalidade quanto a estigmatização do local e, em escala mais ampla, da inteira região do Subúrbio Ferroviário. A falta de oportunidades de emprego formal e a crescente ociosidade dos jovens são fatores visualizados como estimulantes pelo envolvimento com o tráfico de drogas que se tornou uma alternativa viável para muitos jovens e adolescentes que trocam a escola e a família pela “negócio lucrativo”.

Fazenda grande II

O terceiro bairro em questão comporta dentro da sua localização periférica o maior grau de heterogeneidade dos três bairros em aferição, tanto no que tange o perfil socioeconômico da sua própria população quanto do seu entorno geográfico imediato.

Totalizando aprox. 35.000 habitantes, o bairro cresceu demograficamente com a instalação de populações de renda média (entre três a cinco salários mínimos) em conjuntos monofuncionais construídos pelo Banco Nacional de Habitação (BNH) nos anos 1970 e a ocupação espontânea da classe popular-inferior (sem renda ou até meio salário mínimo) atingindo os espaços do seu entorno de alta declividade, respectivamente os fundos do vales úmidos circunferentes.

O perfil socioeconômico da sua população testemunhou de uma dinâmica ascendente de popular(-inferior) nos anos 1990 a média(-inferior) (2000 e 2010) (Carvalho & Pereira, 2014), atraindo pessoas com maior poder aquisitivo em função do baixo valor de compra dos apartamentos e da proximidade aos novos pólos de emprego (Porto Seco de Pirajá, Itapuã, São Marcos, e Cabula). Das quinze pessoas entrevistadas, três trabalham no comércio local e cinco nos bairros beirando a Av. Paralela.

Concernente a composição das redes interpessoais, destaca-se sua maior diversidade e extensão em comparação aos dois bairros previamente analisados, ressaltando-se que a divisão entre habitantes do condomínio e moradores de invasão se observa no grau de localismo e no grau de mobilização de recursos (não-)materiais a base de vínculos de vizinhança significativamente mais expressivo no caso dos moradores da área informal Jaguaripe I. Enquanto isso, constata-se no caso dos inquilinos entrevistados dos condomínios de Fazenda Grande II que o mencionado efeito de encapsulamento sociointeracional é mitigado pela maior conectividade das pessoas com indivíduos ou grupos externos ao local de residência que ampliam o recurso a informações não-redundantes (*get ahead* na terminologia de Briggs, 2001) e mobilizam o capital social para ganhar acesso a melhores serviços públicos e a oportunidades de trabalho.

Assim, à maior proporção de contatos formados no âmbito de relações de trabalho formal corresponde um maior grau de heterofilia das redes interpessoais. Geralmente, a percepção dos habitantes do seu bairro denota de uma maior identificação e satisfação com a localidade, reconhecido por ser um bairro de trabalhadores. A relativa autonomia do local em termos de serviços e equipamentos urbanos (escolas, supermercados, postos de saúde/hospitais, bares e restaurantes) se concretiza na avaliação própria dos entrevistados de pertencer a “uma cidade dentro da cidade”. Todavia, o acesso a shopping centers e as mais sofisticadas opções de lazer requer um deslocamento para as áreas mais centrais ou para o vetor norte de Salvador.

Convergendo com os resultados de Kaztman e Retamoso (2005), a escola como instância socializadora viabiliza um maior grau de exposição a diferentes valores e comportamentos do que nos bairros Plataforma e Nordeste de Amaralina, dada a maior mistura social do seu alunado e o menor grau de segmentação nas instituições de ensino. Indagados sobre as oportunidades de ensino público e privado, os adolescentes entrevistados comungam em avaliar como positivo a oferta local, destacando seu potencial de lugar de convergência entre alunos da classe média e popular.

Pese a estas dinâmicas positivas, a insegurança e violência impactam negativamente na confiabilidade e extensão dos vínculos pessoais, ainda que de forma menos significativa do que no caso de Plataforma. Este fenômeno só recentemente se teria instalado no local, como resultado das disputas pelo tráfico de drogas, envolvendo, segundo os moradores dos condomínios, a maioria dos bairros e invasões nos arredores de Fazenda Grande II (Conjunto Jaguaripe I e II, Boca da Mata, Nova Brasília).

Neste momento, é oportuno recuperar a polarização observada entre os inquilinos dos conjuntos habitacionais do segmento média (inferior) e os habitantes das invasões pertencendo ao grupo popular(-inferior). Os moradores dos condomínios têm pressionado a erradicação das invasões, alegando a degradação e desvalorização da sua área de residência. O Estado se comprometeu na consolidação das áreas através dos programas habitacionais *Viva Melhor* (Jaguaripe I e II). Não obstante as melhorias habitacionais, persistem os estigmas territoriais dos seus habitantes, considerados como usurpadores ilegítimos do bairro que teriam disseminado a insegurança e favorecido a instalação de diversos pontos de venda de drogas nas partes menos acessíveis dos fundos dos vales e nos matos vizinhos.

Apesar de não terem sido registrados vestígios de uma integração empregatícia similar àquela proporcionada pela demanda de moradores dos condomínios da classe média-alta no Nordeste de Amaralina –a renda dos inquilinos dos conjuntos habitacionais aqui pode

ser considerada como fator limitador– identificam-se efeitos positivos atribuídos à atuação de instâncias socializadoras localizadas em Fazenda Grande II. Em analogia à iniciativa integrativa destacada no segmento das instituições de ensino público, o compartilhamento de estruturas comunitárias como o transporte de ônibus, as associações (não) leigas e as áreas de lazer (praças, largos de acarajé, bares e restaurantes) favorece a confluência entre integrantes das duas áreas. Evidentemente estas permitem mais trocas de sociabilidade do que em contextos de evitação social, de forte segmentação e de distanciamento físico-simbólico solidificado pelos dispositivos de segurança (muros, sentinelas, postos de controle, câmaras de vigilância etc.) verificados nas constelações socioeconômicas mais antagônicas Nordeste de Amaralina-Pituba/Rio Vermelho/Itaigara.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atendendo para a orientação comparativa do trabalho, conclui-se que o Nordeste de Amaralina detém determinadas vantagens locais em decorrência da sua proximidade à oportunidades empregatícias, maioritariamente no setor de serviços não-qualificados nos condomínios circunferentes da classe média-superior. A relativa integração de Nordeste de Amaralina no entanto deve ser apreciada com ressalvas, já que o efeito da estigmatização territorial e os mecanismos da segmentação social (nas esferas do transporte público, do sistema escolar/saúde, do acesso a áreas de lazer) tendem a enfraquecer os potenciais da sua inserção central na cidade.

A polarização socioespacial e a ostentação das distâncias socioeconômicas através dos dispositivos de segurança dos condomínios da classe média/alta (muros, sentinelas, cercas e câmeras) alcança uma maior grau de visibilidade do que em Plataforma e Fazenda Grande II, bairros integrando uma vizinhança externa mais homogênea.

A apropriação das benfeitorias públicas (hospitais, universidades privadas, supermercados de grife) e opções de lazer (shoppings, cinemas e restaurantes)

permanecem fora do alcance dos moradores de Nordeste de Amaralina, dados os poucos recursos orçamentários. Outro fator agravante relacionado à contiguidade geográfica dos grupos socialmente distantes reside no controle policial nas saídas e entradas do local, respectivamente no seu interior (Bases Comunitários), que tem levado ao recurso indiscriminatório à violência já que os condomínios da classe média/alta abrigam a população “necessitando” a proteção enquanto os moradores do bairro são visualizados como os “usurpadores” da “Orla Atlântica Norte”.

Avaliando o possível impacto do *efeito-território* na composição das redes interpessoais e sua ativação em processos de mobilidade econômica, cabe concluir que prevalecem os laços interpessoais pouco diversificados assentados em vínculos de família e vizinhança, providenciando coesão e solidariedade intra-grupal. Estes poderiam ser visualizados como estruturas de apoio à sobrevivência (*get by*, no sentido de Briggs, 2001) com alcance temporal imediato, havendo compartilhamento entre indivíduos congêneres de referências, valores, expectativas e comportamentos locais que conspiram para a perpetuação da precariedade no bairro já que geram poucos impulsos para a integração no mercado laboral formal. Excetuando-se a interação no âmago das relações de emprego –ainda marcadas pela forte “subalternidade” das atividades– não se registram maiores convergências com o segmento média-superior, fenômeno que se repete nas instituições públicas com potencial “socializador” (escolas, associações e espaços de lazer).

Como denominador comum entre os três bairros analisados neste trabalho, a violência e criminalidade provocam certo encapsulamento das relações interpessoais, dada a baixa confiabilidade nas pessoas, estimulando, em contrapartida, o estabelecimento de maior coesão e identidade grupal proporcionados por organizações comunitárias de cunho associativista, cultural e religioso. Estas detêm o maior acervo de pessoas-chave que se comprometem pela mobilização do capital social visando a obtenção de ativos para a inclusão econômica dos habitantes do Nordeste de Amaralina.

O caso do bairro periférico Plataforma assinala pelo padrão de macro-segregação, a homogeneidade social em conjunção com o isolamento geográfico-social favorecendo a reprodução circular da pobreza. Corroborando com as asserções de Wilson (1987), o isolamento interfere negativamente na extensão e diversidade das redes interpessoais e, subsequentemente, bloqueia a mobilidade econômica (*lock-in*). A ausência de exposição a indivíduos e grupos sociais não-congêneres se reflete em um alto grau de localismo e homofilia dos vínculos interpessoais, tecidos preponderantemente entre parentes e amigos íntimos (“laços fortes”, conforme Granovetter, 1973).

A construção de pontes sociais é relegada para as competências das associações de cunho religioso, providenciando coesão e solidariedade entre seus membros. Estas redes operam como circuitos de reciprocidade aonde circulam benefícios materiais, afetivos e cívicos como ajuda na construção da casa, empréstimos, contatos de emprego, auxílio em situações de doença e de dependência física. Evidentemente, a pobreza homogênea e as estruturas resilientes de precariedade marcando os bairros circunferentes não propiciam a desejada integração ou maior mistura com outras classes sociais e as instâncias de socialização (escolas, lazer, associações) podem ser visualizadas como desintegrantes já que apenas reúnem pessoas do mesmo local.

O maior grau de heterogeneidade socioeconômica, evidenciado no caso do bairro Fazenda Grande II, incide favoravelmente nos padrões de sociabilidade dos seus moradores, particularmente no que tange a ativação dos contatos interpessoais para a mobilidade econômica. Foi ressaltado o maior grau de heterofilia e diversidade na composição das suas redes que abstraem das instâncias primárias família e vizinhança –garantindo a sobrevivência imediata (*get by*, conforme Briggs, 2001) e denotam de uma plurifocalidade tanto pelo viés de relações de trabalho quanto pelos vínculos tecidos entre indivíduos e grupos externos ao local de residência (*get ahead*).

A variabilidade dentro do panorama dos três cenários considerados neste trabalho faz necessário refletir

sobre a responsabilidade do Estado que detém o poder de fomentar ou impedir processos de segregação socioespacial por via de dispositivos de provisão de infraestrutura, de programas públicos de habitação e de criação descentralizada de empregos.

O corrosivo efeito de externalidades negativas é potenciado em áreas desassistidas, socialmente homogêneas, e bloqueia a mobilidade econômica, gerando “sinergias negativas” (Katzman, 2007) que arriscam de tornar o local socialmente invisível já que desvinculado dos outros estratos sociais da cidade.

A vigência de mecanismos de dominação dos capitais social, cultural e econômico pelo grupo hegemônico através do exercício da violência simbólica atravessando a dialética de integração e evitação anula os benefícios associados à centralidade do local de Nordeste de Amaralina e assinala pelo descompromisso do Estado em “criar pontes” entre as clivagens da segmentação social ao priorizar a “contenção” da criminalidade em forma de intervenções policiais.

Enquanto isso, o reconhecimento da necessidade de consolidar a invasão Jaguaripe I, que surgiu nos espaços não-habitáveis da macro-região Cajazeiras-Fazenda Grande, deixa vislumbrar princípios de intervenções habitacionais com certo grau de sustentabilidade social já que flanqueadas por investimentos em infraestrutura e equipamentos urbanos com alcance integrativo. Inegavelmente, os antagonismos socioeconômicos não atingem as mesmas dimensões que no caso de Nordeste de Amaralina Pituba/Rio Vermelho/ Itaigara e, ao contrário do auto-segregação da classe média/alta nos condomínios blindados, a simultaneidade da ocupação (não) planejada dos vales, talwegs e cumeados de Fazenda Grande II por indivíduos reunidas na luta para sua inserção sociohabitacional na cidade estabelece maior convergência nos valores e identidades individuais e grupais do bairro.

Em sumo, cabe reconhecer que a composição socialmente homogênea de localidades segregadas e a subsequente ausência de interações em contextos culturais, profissionais e educacionais –resultando das estruturas segmentadas e da rigidez da estratificação

social brasileira– incide negativamente em processos de mobilidade econômica da sua população. Conclui-se que nem a atuação do setor terciário e de organizações associativistas, nem as estruturas familiares de apoio logram compensar a exclusão do mercado de trabalho formal, exigindo, portanto, a intervenção das políticas sociais do Estado para atenuar o impacto do isolamento socioespacial.

REFERÊNCIAS

- Almeida, R. e D’Andrea, T. (2004). Pobreza e redes sociais em uma favela paulistana. *Novos Estudos*, 68, 94-106.
- Andrade, L. T. e Silveira, L. S. (2013). Efeito-território. Explorações em torno de um conceito sociológico. *Civitas*, 13(2), 381-402.
- Bidou-Zachariasen, C. (1996). Classes populaires et classes moyennes en centre rénové. Em: N. Haumont (ed.). *La ville: agrégation et ségrégation sociales* (pp. 131-142). Paris: L’Harmattan.
- Bourdieu, P. (1986). The forms of Capital. Em: J. G. Richardson (ed.). *Handbook of theory and research for the sociology of education* (pp. 241-258), New York, Estados Unidos: Greenwood Press.
- Bourdieu, P. (1989). *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil.
- Briggs, X. (2001, julho). *Ties that bind, bridge and constrain: social capital and segregation in the American metropolis*. Cambridge, Massachusetts: International Seminar on Segregation and the City, Lincoln Institute of Land Police.
- Brooks-Gunn, J. e Duncan, G. J. (org.). (1997). *Neighborhood Poverty. Volume II: Policy Implications in Studying Neighborhoods*. New York: Russell Sage Foundation.
- Burt, R. S. (1992). *The social structure of competition*. Cambridge (MA), Estados Unidos: Harvard University Press.

- Carvalho, I. M. M. e Pereira, G. C. (ed.). (2014). *Salvador: transformações na ordem urbana: metrópoles: território, coesão social e governança democrática*. Rio de Janeiro, Brasil: Letra Capital/Observatório das Metrópoles.
- Castells, M. (1983). *A questão urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Coleman, J. S. (1988). Social capital and the creation of human capital. *The American Journal of Sociology*, 94, 95-120.
- Ellen, I. G. e Turner, M. A. (1997). Does neighborhood matter? Assessing recent evidence. *Housing Policy Debate*, 8(4), 833-866.
- Granovetter, M. (1973). The strength of weak ties. *The American Journal of Sociology*, 78(6), 1360-1380.
- Harvey, D., (2005). *A Produção Capitalista do Espaço*, São Paulo, Brasil: Editora Annablume.
- Kaztman, R. (2007). A dimensão espacial das políticas de superação da pobreza. Em: L. C. Q. Ribeiro e O. dos Santos Júnior (ed.). *As metrópoles e a questão social brasileira* (pp. 301-339). Rio de Janeiro: Revan/FASE.
- Kaztman, R. e Filgueira, F. (1999). *Marco conceptual sobre activos, vulnerabilidad y estructuras de oportunidades*, Montevideu, Uruguai: Cepal.
- Kaztman, R. e Filgueira, F. (2006). *Las normas como bien público y como bien privado: reflexiones en las fronteras del enfoque AVEO*. Montevideo, Uruguai: Universidad Católica del Uruguay, Serie Documentos de Trabajo del Ipes-Colección Aportes Conceptuales.
- Kaztman, R. e Retamoso, A. (2005). Introducción: empleo, concentración espacial y endurecimiento, de la pobreza urbana. *Revista de la CEPAL*, 85, 132-148.
- Lin, N. (1999). Building a Network Theory of Social Capital. *Connections*, 22(1), 28-51.
- Marcuse, P. (2004). Enclaves, sim; guetos, não: a segregação e o Estado. *Espaço e Debates*, 24(45), 11-23.
- Marques, E. (2007). *Redes sociais, segregação e pobreza em São Paulo*. 182 f. Tese de Livre Docencia (Doutorado em Ciência Política). Brasil: Universidade de São Paulo (SP), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Ciência Política.
- Massey, D. e Denton, N. (1993). *American Apartheid: Segregation and the Making of the Underclass*. Cambridge: Harvard University Press.
- Park, R. A. (1987). Cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. Em: O. G. Velho (ed.). *O fenômeno urbano* (pp. 26-67). Rio de Janeiro: Guanabara.
- Putnam, R. D. (2000). *Bowling alone: the collapse of America's social capital*. New York, Estados Unidos: Simon & Shuster.
- Ribeiro, L. C. (2008). Proximidade territorial e distância social: reflexões sobre o efeito de lugar a partir de um enclave urbano. *VeraCidade*, 3(3), 1-21.
- Sampson, R. J. (1997). Collective regulation of adolescent misbehavior: validation results from Chicago neighborhoods. *Journal Adolescent Research*, 12(2), 227-244.
- Simmel, G. (1987). Metrópole e vida mental. Em: O.G. Velho (ed.). *O fenômeno urbano*, (pp. 11-25). Rio de Janeiro, Brasil: Guanabara.
- Small, M. L. e Newman, K. (2001). Urban poverty after 'The truly disadvantaged': the rediscovery of the family, the neighborhood, and culture. *Annual Review Sociology*, 27, 23-45.
- Wilson, W. J. (1987). *The truly disadvantaged: The inner city, the underclass and public policy*. Chicago, Estados Unidos: University Press.